

# Secretaria prevê remanejamento

MÁRIO COELHO  
DA EQUIPE DO CORREIO

Sentados na escada da entrada do Centro de Ensino Médio (CEM) 1, do Paranoá, Dyhanne Kelly Fernandes Pereira, 18 anos, e Sérgio Aguiar Rodrigues da Silva, 17, esperam por uma aula que não vai acontecer. Como outros alunos da escola, eles sofrem com a falta de professores em algumas disciplinas. No caso deles, a de sociologia. “Isso prejudica a gente. As aulas começaram e até agora nada. No começo, faltava de química e inglês também”, afirmou Dyhanne, que está no segundo ano do ensino médio. Segundo estimativa do Sindicato dos Professores do DF (Sinpro-DF), a regional de ensino da cidade tem uma carência de pelo menos 60 profissionais.

À primeira vista, pode parecer que a solução é contratar mais professores. Segundo a Secretaria de Educação, no entanto, o problema não é esse. Durante o levantamento que está sendo promovido pelo órgão para identificar em quais escolas há falta de docentes, descobriu-se que há sim professores em número suficiente na rede – mas muito mal distribuídos. No Plano Piloto, por exemplo, o número de profissionais é suficiente para atender às turmas abertas. Em algumas escolas, existe até um número excedente. “Teoricamente não era para faltar professor em sala. Temos 21.671 professores em regência dos 28.248 desta secretaria”, diz o secretário adjunto de Educação, José Luiz Valente.

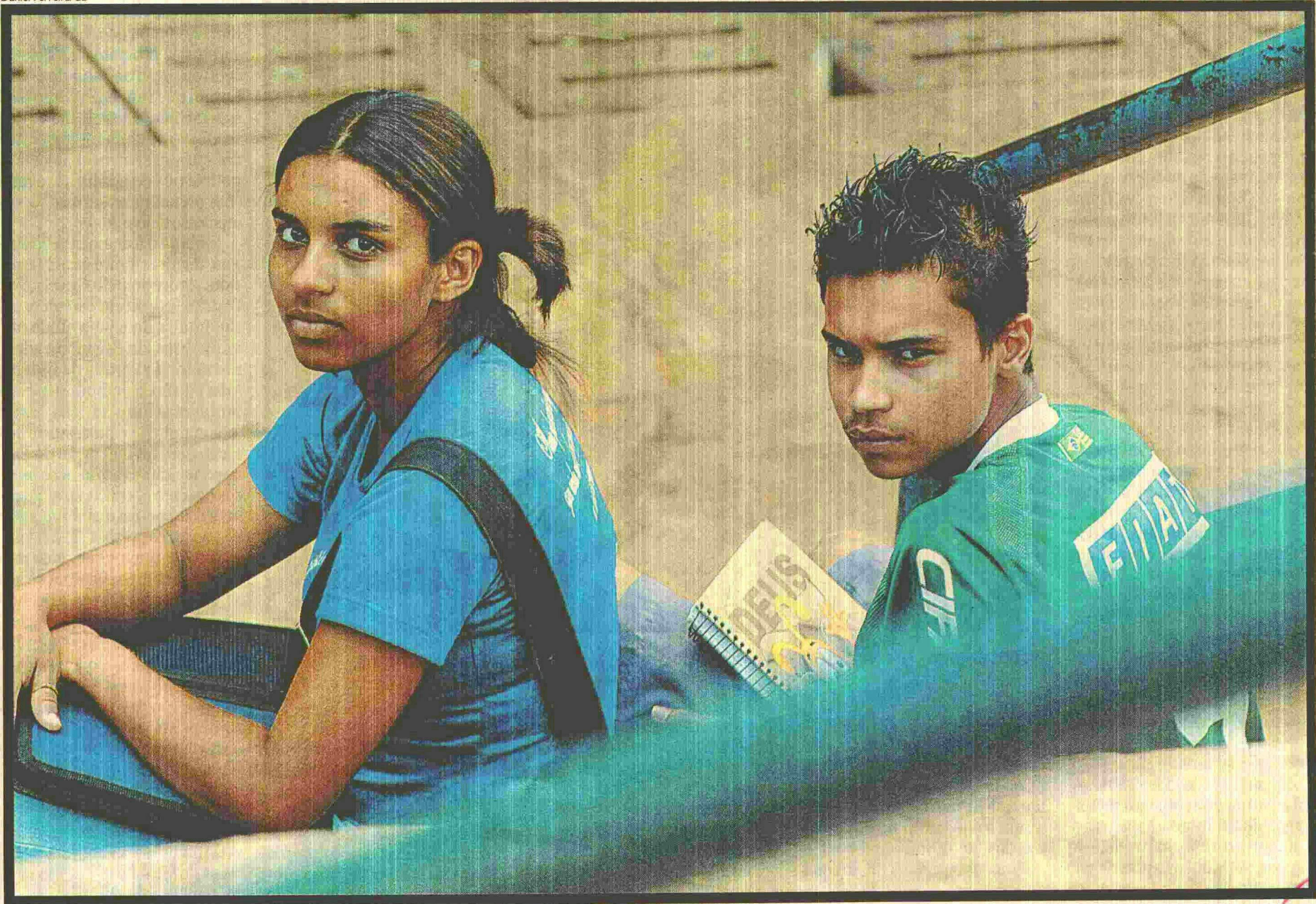
A conclusão do estudo sobre a distribuição exata dos docentes na rede deve ser divulgada até terça-feira. A secretaria alega que as primeiras conclusões apontam que grande número de afastamentos são causados por licenças médicas e por professores que assumiram cargos comissionados em outros órgãos. Só em fevereiro deste ano, 786 professores estavam fora das salas de aula por problemas de saúde. “A falta de professores é inadmissível”, comenta o secretário adjunto. Com o mapeamento, a secretaria quer montar uma sistemática de movimentação dos docentes, para que, a partir de 2008, o ano letivo não inicie sem professores. “O levantamento nos apontará os problemas e as soluções de gestão”, comentou Valente.

O diretor do CEM 1 do Paranoá disse que, somente na escola, faltam 11 professores (o que corresponde a 15% do quadro total de 70), a maior parte no período matutino. Funcionário da rede há nove anos, Jorge Alves Monteiro, que assumiu o centro em fevereiro, comentou que o problema dificulta o aprendizado dos alunos. “A nossa escola prepara para o Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília e para o Exame Nacional de Ensino Médio. Isso é ruim”, completa. Na escola, os alunos do primeiro ano não tiveram aulas de matemática, inglês e espanhol nos primeiros dias do ano letivo.

O problema não está restrito ao Paranoá. Em São Sebastião, o Sinpro acredita que falem pelo menos 80 professores. O problema já ocorria quando professores aprovados em concurso foram chamados para ocupar as 1.215 vagas definitivas, criadas por quem se aposentou ou pediu demissão. Em várias escolas, terminada a fase na qual cada profissional é alocado em uma área, professores são indicados para exercerem outras atividades fora de regência de classe. Por isso muitas vezes há falta de professores até que haja substituição.

Para o diretor do Sinpro Carlos Garibel, a secretaria poderia fazer um banco de excedentes com os professores aprovados em concursos que esperam ser chamados. “Queremos que os concursados também assumam as vagas temporárias”, afirmou.

Daniel Ferreira/CB



DYHANNE E SÉRGIO NÃO DESISTEM: EMBORA SEM AULAS DE SOCIOLOGIA DESDE O INÍCIO DO ANO LETIVO, INSISTEM EM IR À ESCOLA, SEMPRE À ESPERA DE QUE FINALMENTE APAREÇA UM PROFESSOR